

23 OUT 2000

Gatilho Cambial

JORNAL DO BRASIL *Economia Brasil*

O final dos anos 60 caracterizou-se no Brasil por duas vertentes fundamentais: a política, ancorada num regime autoritário; e a econômica, paradoxalmente direcionada para o mercado. Os dois caminhos são antagônicos. Mercados são gatilhos para a democracia, da mesma forma que economias centralmente planificadas são gatilhos para sistemas de partido único ou autoritários.

Entre o passado e o presente os brasileiros pagaram o preço da transição para a democracia e para uma economia mais aberta, competitiva e globalizada. Sem entrar no mérito do que foi feito, o fato é que o tamanho do Estado diminuiu nas telecomunicações, na energia, nas estradas, nos portos e em várias áreas prestadoras de serviços.

O sistema financeiro e o mercado de capitais atravessaram essas mudanças quase com a mesma estrutura modelada em leis que nasceram do regime autoritário, como a 4.595 e a 4.728 (dos mercados financeiros e de capitais), ou a Lei das S/A.

Tornou-se agora consensual que está na hora de repensar a estrutura surgida ao longo dos últimos 40 anos. Uma parte do alto preço das reformas já foi paga, por conta dos bancos liquidados. O cenário atual requer que se repensem os termos da competição na área financeira.

Segundo dados do Banco Central, os quatro maiores bancos estrangeiros no Brasil – Deutsche, Citibank, BNP e Tokyo-Mitsubishi – controlam ativos entre 846 e 698 bilhões de dólares, valores comparáveis ao PIB de muitos países. Como posicionar o país e suas instituições financeiras diante dos megaconglomerados globais?

Em primeiro lugar, é preciso não superdimensionar o peso dos bancos estrangeiros, cujos ativos no Brasil não chegam a 25% do total. Em segundo lugar, deve-se alertar o siste-

ma financeiro para a importância das economias de escala, a qualidade e o custo dos serviços que oferecem ou que compartilham.

Um novo sistema de pagamentos pode contribuir – e muito –, para que os bancos brasileiros se consolidem dentro das suas próprias fronteiras, explorando o grande ativo ao seu alcance, que é o mercado interno.

A proposta de uma *clearing* para o câmbio com a participação de bancos grandes e pequenos, em discussão entre a Febraban e a BM&F, é uma excelente oportunidade para que se aproveite o *know-how* de administração de riscos e liquidação de contratos já existente no Brasil. *Clearings* são instituições que se especializam na liquidação de operações financeiras, envolvendo compradores e vendedores cujas ordens se cruzam em ambientes eletrônicos. Quanto mais capacitadas estiverem para administrar margens cruzadas (*cross margining*) com a segregação de riscos, mais eficientes e baratos serão seus serviços.

Os bancos brasileiros serão grandes beneficiários de *clearings* que surjam sem um viés de cartel ou oligopólio. Uma experiência bem sucedida nessa área poderá posicionar o Brasil na vanguarda do sistema financeiro mundial, pois os Bancos Centrais e o Banco de Acordos Internacionais (BIS) torcem pelo desenvolvimento de mecanismos confiáveis de cumprimento de ordens de pagamento (*Delivery Versus Payment, DvP/Payment versus Payment, PvP*).

A virtude e a excelência no sistema financeiro brasileiro para competir globalmente vai derivar, no futuro, muito mais da alta capacidade dos bancos para administrar riscos, do que do gigantismo dos ativos. A inflação ensinou grandes lições ao sistema bancário brasileiro. Está na hora de dar novos saltos baseados na estabilidade.